

Luís Palma





A minha primeira reacção a estas imagens foi de incredulidade.

Os ficheiros diziam respeito a um período de 07 a 09. Uma pesquisa nos layers da gravação atestou que as imagens foram captadas por um aparelho digital de marca Leica Deluxe, nos dias 8, 9 e 10 de Maio de 2009. Como confirmei mais tarde, os nomes dos ficheiros são de localizações que existiram na região do algarv antes do recuo das linhas de costa. Os registos revelam um aglomerado abandonado de forma súbita, sem razão aparente. Coloquei em hipótese que a documentação fizesse parte de um primeiro projecto de registo imagético dos aglomerados costeiros antes da submersão.

As incongruências, no entanto, são várias. Os registos oficiais dos aglomerados submersos datam todos da década de 30 – mais de vinte anos depois da suposta data destas gravações. Por outro lado, os registos oficiais são presumivelmente exaustivos e confirmei pessoalmente que não oferecem indícios de algo análogo ao que aqui podemos observar. Estes dados permitiram-me estabelecer duas conjecturas preliminares e complementares. Ou, como pretendo demonstrar, se encontra em curso uma operação de reescrita da citimaging da união com implicações políticas mais vastas, ou, como será mais difícil de comprovar, este aglomerado foi destruído ainda antes da subida do nível das águas, porventura como uma medida física inicial de um propósito genológico semelhante.

As minhas suspeitas vêm de longe. Mas apenas no mês passado confirmei os dados que me levam a uma denúncia. Só agora estabeleci um nexo de relação entre vestígios que comecei por acumular por mera curiosidade. Agora não posso não escrever. Não posso

deixar de difundir as imagens que encontrei. Por algum lado se tem que começar a reescrever a estória que insistem em contar-nos. Se a minha datação está correcta, as imagens que encontrei comprovam que nos finais do século passado a westcoast ainda colonizava território inóspito. E fê-lo com recurso a técnicas informais que só podem ter tido a convivência da tecnocracia dominante. É provável que os próprios membros da elite oficial estivessem envolvidos em operações idênticas.

Uma coisa é certa: os últimos redutos destas implantações – ilícitas desde a grande reconstrução – ocorreram aqui mesmo.

Mas deixem que vos situe.

De onde escrevo, vejo o atlântico sob um céu prateado. Vivemos numa estufa brilhante. Como um arquipélago em movimento, pedaços de glaciário flutuam em direcção a sul. A norte, mal se vislumbram os picos brancos de cintra. Enclaves de *iscrapers* bordejam a costa desde cascais até à foz gelada de lisbona. Encontro-me num agregado de torres mais a sul, num dos sete enclaves de cap'ricoh. À minha frente, uma linha de coral fractal protege a superfície semigelada onde mergulham os enclaves. Atrás de mim, entrevejo os agrupamentos que assentam directamente sobre a arriba. Para além disso, apenas posso pressentir a densidade vazia das estepes geladas pontuadas por enclaves de multiprocessamento industrial. É sobre esta costa que se justapõem as imagens da minha escavação digital acidental.

É importante explicar porque estou aqui. A mudança tornou-se incontornável e essa é talvez uma das razões que me compele a escrever.

My first reaction to these images was one of incredulity.

The files referred to a period between 07 and 09. An analysis of the recording layers attested that the images had been taken with a digital device called Leica Deluxe, on the days of 8, 9 and 10 May 2009. As I later confirmed, the file names matched locations that existed in the algarv region before the coastline receded.

The records reveal an agglomerate suddenly abandoned, and for no apparent reason. I considered the possibility that the documents might have been part of a project to record coastal housing estates before the submersion.

However, incongruent details are rife. Official records of submerged agglomerates are all from the 30s – over twenty years after the supposed date when these images were taken. Presumably, official records are exhaustive; I have personally verified that they offer nothing resembling what we see here. This data has allowed me two preliminary, and complementary, conjectures. Either, as I would like to demonstrate, an operation is under foot to re-write the union's citimaging – with significantly wider political implications – or, as it would be much harder to prove, this particular agglomerate was destroyed before the rise of sea levels, perhaps as an initial physical measure of a similar genologic devise.

My suspicion comes from afar. Yet, it was only last month that I was able to confirm the data that now leads me to this report. Only now was I able to establish a connection between the traces that mere curiosity had made me accumulate. Now I cannot not write. I cannot help but to pass

on the images that I have found. One must start somewhere, if one wants to re-write the story that they have insistently told us.

If my own dating is correct, the images that I came upon prove that around the end of last century the westcoast was still colonising wild territory. This was accomplished by resorting to informal techniques that surely must have had the agreement of the dominating technocracy. In all likelihood the very members of the official elite were deeply involved in identical operations. One thing is for sure.

The last remainders of such settlements, made illegal since the last great reconstruction, took place right here.

But let me give you some coordinates. From where I am writing I can see the atlantic under a silvery sky. We live in a gleaming coldhouse. Like a moving archipelago, bits of glaciers float towards the south. To the north the white peaks of cintra can barely be made out. Enclaves of *iscrapers* skirt the coast from cascais to the frozen river mouth of lisbona. I am at a tower grouping further to the south, in one of the seven enclaves of cap'ricoh. Ahead of me a fractal coral line protects the semi-frozen surface where the enclaves plunge. Behind me, I glimpse other groupings directly set on the cliffs. Beyond, I can only guess at the empty density of the gelid steppes dotted with enclaves of industrial multiprocessing. On this coast I juxtapose the images of my accidental digital excavation. It is important to explain why I am here.

Nos últimos anos, o gelo chegou com frequência aos seis metros de espessura e partes inteiras das cidades do hemisfério norte atingiram um limite na sua capacidade de ajustamento.

Quando o formigueiro do dia-a-dia passou a desenrolar-se num igloo, desesperei. Depois, os micro-avcs crónicos impuseram-me uma medida mais drástica e fui levado a desistir. Mas a mudança é inevitável para todos. Quando as estruturas subterrâneas arrefecerem até ao insustentável, todos serão forçados a desistir.

Uma boa parte das cidades costeiras resistiu bem às cheias de '22. Encontrou-se uma forma simpática de sobreviver. Após a difusão certa de uma história de barthes, a inundação ganhou adesão popular. As pessoas quase ansiavam por ver as ruas transformadas em canais. Pairava no ar um encanto turístico, algo que subsistiu mesmo depois de veneza se afundar. Mas o gelo é diferente.

A água não nos derrotou. E o gelo também não nos derrotará. Mas por esta altura sinto que estamos encurralados.

Depois da razia das populações mais pobres, depois das migrações maciças para sul, não será preciso muito para que os últimos resistentes se mudem para os enclaves.

Como nas histórias de crianças, os ratos foram os primeiros a abandonar o barco. Os cientistas, os artistas, os verdadeiros sobreviventes, emigraram há muito para o brasil, para a índia e para África. Depois, foram os descendentes dos piednoirs e dos emigrantes que regressaram a casa. Enquanto podiam. Agora restamos nós.

Não é que queiramos ficar. É apenas tarde demais para sair.

A mudança tem que acontecer aqui mesmo.

Herdei o apartamento dos meus bisavós num dos poucos edifícios reciclados dos swamps. Como noutros sítios, a maior parte das antigas estruturas urbanas submergiram ou eram demasiado pequenas para fazerem parte das reciclagens.

A sala onde registo as minhas notas retém o ar antiquado a que costumavam chamar *modern*. Apesar de modificados, os três edifícios agora unidos à volta de um *iscraper* retém características de um passado em vias de extinção. O interior do apartamento está de tal modo sobrecarregado pela memorabilia do meu avô que sugere um passado ainda mais remoto.

Foi aqui, por entre velhas colecções de *magazines*, fantasmas de fotografias a desaparecer e outras coisas exóticas, que ganhei o gosto pela arqueologia visual. Nas férias que passava com o meu avô, as torres de papel eram as cidades dos meus jogos. E os meus rabiscos eram feitos sobre os livros ilustrados do meu avô, não em *ibooks*. São poucas as crianças do meu tempo que alguma vez tocaram num livro de papel.

Se vos disser que o meu avô era arquitecto – foi ele que fez o projecto de reciclagem deste enclave – talvez comecem a perceber porque é que me especializei em criptografia urbana e porque atribuo uma enorme repercussão à descoberta das imagens que aqui revelo.

Segundo a literatura do *estadt*, as técnicas informais de *citimaging* foram erradicadas da Europa durante a última grande guerra do século xx.

Percebe-se que a noção é determinante para a política de orientação identitária da união. Basicamente é isto que nos separa dos outros. Os nossos enclaves, autónomos e perfeitamente imunes, não são mais do que

Change has become impossible to avoid, and that is perhaps one of the reasons that compels me to writing.

In the last years ice often rose to a thickness of six metres, and whole areas of the cities in the northern hemisphere reached the limit of their ability to adjust.

When the daily ant race started to unfold inside an igloo, I fell into despair. Then, the chronic micro-cvas dictated a more drastic measure and I was forced to quit.

But change is unavoidable to all. As soon as subterranean structures freeze beyond sustainability, all will be forced to quit.

A fair share of the coastal cities resisted the floods of '22 quite well. An amenable survival mode was found. Following the unerring broadcast of an *istory* by barthes, the flood gained the people's adhesion. They almost hankered to see the streets turned into canals. A tourist charm lingered in the air; something that prevailed even after Venice sunk.

But ice is different.

Water could not defeat us. And ice will also not defeat us. But now I feel we are trapped. After the decimation of the poorer populations, after the massive migrations due south, it will not be long before the last resisters move into the enclaves.

As in children's stories, rats were the first to abandon ship. Scientists, artists, the true survivors, have migrated to Brazil, to India and to Africa a long time ago. The descendants of the *piednoirs* followed suit, as did the emigrants who returned home. While they still could.

Now only we are left.

Not that we mean to stay. It just became too late to leave.

Therefore, change must take place right here.

I inherited my great-grandparents' apartment in one of the few recycled buildings in the swamps.

As elsewhere, most of the old urban structures were submerged or just too small to be included in the recycling.

The room where I make my notes still retains the old-fashioned atmosphere that used to be known as *modern*. Despite having been modified, the three buildings now connected to an *iscraper* still retain the characteristics of a defunct past. The inside of the apartment is overloaded to such an extent with my grandfather's memorabilia that it speaks of an even remoter era.

It was here, among old magazine collections, ghosts of fading photographs and other exotic items, that I acquired a taste for visual archaeology. During the vacations spent with my grandfather, the paper towers were the cities in my games. And my doodling was on my grandfather's illustrated books, not on an *ibook*. Not that many children at the time used to touch paperbooks.

If I were to tell you that my grandfather was an architect – he designed this enclave's recycling – perhaps you would begin to understand why I specialised in urban cryptography, and why I attribute such repercussions to the discovery of the images that I disclose here.

According to the literature of the *estadt*, the informal *citimaging* techniques were eradicated during the last great war of the 20th century.

One can clearly see that the notion is vital to the identity orientation policy of the union. Basically that is what separates us from the others. Our technically autonomous, perfectly immune enclaves are but the advanced reflex of the precision that our culture has

o reflexo avançado da precisão atingida pela nossa cultura. A erradicação do informal encontra-se na base filosófica e jurídica do apartheid.

Resta saber, no entanto, se esta noção não é mantida à custa de um apagamento persistente de aspectos essenciais do nosso código genológico.

Dir-me-ão que a ideia é inconcebível. A democracia virtual do *estadt* tanto previne o terrorismo hacker, como exclui a possibilidade de censura por parte das instituições do *estadt*.

Mas esta é precisamente a implicação mais grave da minha descoberta.

Suspeito que, desde que a *enet* passou a ser administrada e as bibliotecas classificadas e protegidas, este foi justamente o tipo de situação que se tornou *possível*.

Dir-me-ão também que se este fosse o caso, eu nunca teria descoberto estes *jpegs*.

Por vezes, porém – digo eu –, algo pode escapar à inteligência mecanizada da censura. Basta a informação estar num sítio insuspeito. Nunca ter sido sujeita ao registo electrónico obrigatório.

Ou ter-se em casa uma biblioteca ilegal.

Há alguns meses atrás, eu próprio não acreditaria nas hipóteses que agora coloco. Por um acaso, encontrei imagens de um euroglomerado que, sendo recente, mostra características dos *slurbs* da união africana e da caracterização sulamericana.

Uma vez que o início das implosões oficiais na westcoast está bem documentado (conf. *troya treaty 05*), é bastante apócrifa a ideia de que nos inícios do século xxi ainda subsistiam núcleos ilícitos no território da união. Por esta altura, as próprias estruturas do *estadt* já se encontravam sujeitas às medidas de reciclagem.

Porém, a datação dos ficheiros permite afirmar que as construções retratadas resistiram até aos inícios da década de dez.

É certo que os meios técnicos à minha disposição não me permitem, em absoluto, excluir a possibilidade de imanaipulação. Devemos manter presente que a colagem de diferentes representações edificadas era uma *trend* importante nas representações urbanas deste período (conf. exhibit a). Porém, as primeiras pesquisas que realizei no código indicam que as imagens não foram sujeitas a subtracções, adições ou montagens de bits de diferentes fontes. O que apenas reforça o seu carácter enigmático.

As imagens que encontrei vão contra o grão do discurso oficial das últimas décadas. Mesmo face às teorias mais arrojadas da história do *citimaging* (conf. *afterlynch ed altri*), estas imagens são incompreensíveis. Quando descobri as *papersources* que me despertaram para esta pesquisa, tomei-as como uma das muitas curiosidade subversivas da colecção analógica do meu avô.

A capa de um *magazin* de 05 (conf. exhibit b) levou-me primeiro a crer que me encontrava perante uma *ifcção*. Uma subtopia típica da idade do papel, sugeria que, aqui mesmo, nas costas ainda a descoberto de *cap'ricoh*, nos sítios onde hoje se incrustam os nossos enclaves, existiam – há menos de cem anos – pequenas construções bizarras isoladas em grandes extensões de areal deserto. A realidade dessas *pics* é inverificável (conf. *obsolete iformats*), mas não deixou de me fazer suspeitar que os *jpegs* que vim a descobrir num *idrive* perdido do meu avô poderiam ter alguma relevância.

As imagens que encontrei retratam um aglomerado totalmente diferente da tradi-

reached. The eradication of the informal is the philosophical and juridical cornerstone of the apartheid.

Nevertheless, it remains to be seen whether the notion survives thanks to a steady obliteration of essential aspects in our genologic code. You will tell me that the idea is inconceivable. The virtual democracy of the *estadt* both prevents hacker terrorism and excludes the possibility of censorship on the part of the institutions of the *estadt* itself.

But that would be the gravest implication of my discovery.

I suspect that since the *enet* fell under administration, and the libraries started to be classified and protected, this was precisely the type of situation that has become *possible*.

You would further say that, this being the case, I would never have found these *jpegs*. However, I shall say, sometimes something is able to escape the mechanised intelligence of censorship.

All it takes is for information to lie somewhere beyond suspicion. Or for it to never have been subject to the mandatory electronic registration. Or to have an illegal library at home.

A few months ago, I myself would not have believed it. By mere chance, I found images of a *euroglomerate* that, being recent, displays features similar to the *slurbs* of the african union and the southamerican federation. As the start of the official implosions on the westcoast is well documented (conf. *troya treaty 05*), the idea that at the beginning of the 21 century there were still illicit nuclei in the territory of the union is apocryphal. By then, the structures of the *estadt* were already subject to recycling measures themselves.

However, the dating of the files that I reproduce here allows me to claim that the constructions depicted resisted until the early 10s.

To be sure, technical means at my disposal do not vouch for an absolute exclusion of imanaipulation. We should bear in mind that the collage of different edified representations was a significant trend in urban representations of the period (conf. exhibit a). Nevertheless, my first inquests into the code indicate that the images were not subject to subtraction, addition or bit-editing from different sources. Which only reinforces their enigmatic aspect.

The images that I found go against the grain of the official discourse of the last decades. Even in the light of the boldest theories in the history of *citimaging* (conf. *afterlynch ed altri*), these images are incomprehensible. When I discovered the *papersources* that spurred this research I took them as one of many subversive curiosities in my grandfather's analogue collection.

The cover of a 05 *magazin* (conf. exhibit b) first led me to believe that I was in the presence of an *ifcction*. A subtopia typical of the paper age suggested that, right here, on the still bare shores of *cap'ricoh*, on the places were our enclaves are now embedded, there were – less then one hundred years ago – small, bizarre constructions isolated over vast expanses of empty sand.

The reality of such *pics* is unverifiable (conf. *obsolete iformats*), but it led me to suspect that the *jpegs* I found in one of my grandfather's lost *idrives* could be of some relevance.

ção que persistiu na westcoast até há três décadas atrás.

As construções parecem estender-se por uma larga extensão de território. As diferenças de vegetação – do desértico ao subtropical (conf. exhibits fig. 51, 56) – sugerem localizações afastadas entre si. Em muitos casos, as unidades estão isoladas. Só aqui e ali se percebe uma organização gregária. Nesta época a westcoast detinha uma costa sobrepoblada, portanto é difícil compreender o luxo de uma tal distribuição territorial. Apesar de os materiais não serem tecnologicamente avançados a escala das construções é incrivelmente reduzida e não poderia suportar mononúcleos de mais de 5 ou 6 membros. Como tal, estas construções só podem ser consideradas representativas de uma riqueza considerável.

É difícil perceber porque terá sido erradicado um património tão insólito e fascinante.

A distribuição territorial é apenas o primeiro aspecto que separa estes colonatos dos slurbs dos nossos contemporâneos. Como sabemos, as estruturas africanas e sulamericanas caracterizam-se por uma densidade imprescindível, quer na horizontal, quer na vertical. Aqui, há apenas um exemplo (conf. exhibit fig. 57) de uma tentativa rudimentar de construção em altura – o que representa o único indício de uma formação arcaica ligada à lógica do slurb actual. A minha interpretação dos jpegs – e aqui começo a especular – sugere igualmente que nestes enclaves primitivos existe uma raiz formal que é intrinsecamente distinta da gestação dos slurbs dos nossos vizinhos. Este aspecto permite-me aliás sugerir que há aqui indícios de uma tradição própria que deveria ser analisada.

Embora a documentação seja incompleta, a disposição das unidades deixa adivinhar princípios axiais que demonstram uma apetência pela urbanística euroclássica. A colocação aparentemente aleatória das construções sugere mecanismos subtis de criação de privacidade que sobrevivem até aos nossos dias. E a composição física das unidades parece ter origem em processos de reciclagem, embora seja depois sujeita à uniformização de um qualquer coating. Dir-se-ia que o aglomerado que nos é dado a ver combina técnicas locais de slurb com uma memória de formas de urbanização ainda mais longínquas e selvagens.

A aparência das unidades retratadas emana uma *aura* (conf. obsolete *aconcepts*) completamente diversa de tudo o que estudei de citimaging do século xx.

Não desvelo a hipótese de que essa *aura* possa advir do modo subjectivo da captação digital. Estou a assumir aqui a condição documental destas provas, mas nada impede que elas pertencessem a correntes de representação tidas como não documentais. Tal como confirmam artefactos que já aqui referi, este tipo de imagens também se podia destinar a fins *artísticos*.

Neste sentido, os registos revelam um olhar obsessivo e sistemático que, com certeza, contribui para a nostalgia e o deslumbramento que me permite sentir perante estas imagens. E se a realidade que aqui se retrata não é uma encenação física produzida por razões inteiramente inexplicáveis, a *aura* de que falo pode produzir um efeito de mistificação relativamente à natureza do fenómeno urbano desaparecido que aqui procuro interpretar. De resto, porém, que outro tipo de simbo-

The images that I came across portray an agglomerate that is entirely different from the tradition that lasted on the westcoast up to three decades ago.

The constructions seem to extend over a substantial swathe of territory. The differences in vegetation - from desert to subtropical (conf. exhibits fig. 51, 56) – suggest locations that are far apart. In many cases, the units stand isolated. Only here and there is a gregarious organisation perceivable. At the time, the westcoast had an overpopulated shoreline, which makes it hard to understand the luxury of such a territorial distribution. Although the materials are not technologically advanced, the scale of the constructions is incredibly minute and unable to sustain mononuclei larger than 5 or 6 members. Therefore, such constructions can only be considered as representing considerable wealth.

It is difficult to grasp why such a peculiar and fascinating heritage would have been eradicated.

Territorial distribution is only the first aspect separating these colonies from the slurbs of our contemporaries. As we know, african and southamerican structures are characterised by an indispensable density that is both horizontal and vertical. Here, there is but one example (conf. exhibit fig. 57) of a rudimentary attempt at vertical construction – which represents the sole indication of an archaic formation linked to the logics of the current slurb.

My interpretation of the jpegs – and this is where speculation begins – equally suggests that these primitive enclaves have a formal root that is intrinsically different from the gestation of our neighbours' slurbs. Indeed,

this feature allows me to suggest that there are traces here of a tradition of its own that deserves further analysis.

Although documentation is incomplete, the disposition of the units hints at axial principles, which demonstrate a penchant for euroclassic urbanism. The apparently random placement of the constructions suggests subtle privacy creation mechanisms that have lasted until our day. And the physical composition of the units seems to have originated in recycling processes, although it has subsequently been subject to the application of some sort of coating. One would say that the agglomerate at hand combines the local techniques of a slurb with a memory of even more remote and savage forms of urbanisation.

The appearance of the depicted units exudes an *aura* (conf. obsolete *aconcepts*) that is totally different from all that I have studied so far in terms of 20th century citimaging. I would not shun the possibility that such *aura* may arise from the subjective mode of digital recording. I acknowledge here the documental condition of these proofs, although nothing stands in the way of their belonging to currents of representation that might have been taken as non-documental. As confirmed by artefacts that have already been mentioned here, these type of images could also have had an *artistic* purpose. In that sense, the records reveal an obsessive and systematic look, which certainly contributes towards the nostalgia and awe that I allow myself in the presence of these images. And if the reality portrayed here is not a physical staging ensuing from entirely unexplainable reasons, the *aura* that I speak of may cause an effect of mystification vis-à-

logia conceptual poderíamos retirar destas imagens? Obviamente, essa é uma de muitas contravérsias que posso deixar aos especialistas.

Felizmente, as imagens permitem-nos conjecturar sobre factos físicos cuja pesquisa *in situ* é impossível. É difícil obter grandes certezas a partir dos registos dos núcleos urbanos que hoje se encontram sob o gelo. Ainda assim, os aglomerados que se reconhecem à distância em algumas destas imagens podem ser estudados a partir da relativa riqueza das fontes oficiais. No caso presente, no entanto, a limitação e o carácter vago da documentação faz com que a finalidade de alguns artefactos visíveis teime em permanecer insondável. Uma tubagem que sai e volta entrar numa parede (conf. exhibit fig. 21) configura uma prática estranha à nossa compreensão e pressupõe que o líquido aí distribuído (?) seria de uso comunitário. Os elementos de mobiliário abandonados em espaços contíguos às paredes das unidades (conf. exhibits fig. 95, 105) fazem pressupor que ocorria um uso intensivo e sumptuoso do espaço exterior. Volumes cúbicos suspensos (conf. exhibit fig. 93) lembram silos industriais arcaicos (conf. obsolete *a*forms), mas com uma dimensão demasiado reduzida para esse propósito. Contra a lógica da datação, as vias estreitas sugerem um povoado post-oil. Tal como os usos e as lógicas do aglomerado resistem à nossa interpretação, também estas suposições permanecerão meras suposições. Porém, face às implicações maiores desta descoberta, isto parece-me pouco importante. A singularidade destas imagens é inquestionável e tem as suas repercussões.

Podem ser o resíduo de um regime de excepção que permitiu que certas aglomerações gozassem de uma existência experimental até um período tardio da nossa história. Podem ser o retrato de uma encenação confidencial. Ou podem constituir uma evidência de uma situação adversa à lógica instituída. Em qualquer dos casos, a circunstância que retratam foi cuidadosamente eliminada das narrativas oficiais. Se não estamos perante a erradicação de uma realidade por motivos hoje obscuros, estamos perante uma delapidação monstruosa da riqueza do nosso património genológico. Em qualquer das hipóteses, existe uma censura do estado em funcionamento. E isto deve ser desmascarado.

O apartheid persiste em demarcar a Europa de tudo o resto. Mas com que finalidade, pergunto? A riqueza está quase toda lá fora. Temos a informação, temos as patentes e temos a máquina calibrada da produção e do consumo digital, mas em breve gelaremos por dentro e por fora. A segregação e os seus mecanismos ideológicos servem apenas para garantir que o faremos na nossa própria arca congeladora fortificada.

Quando a mobilidade global já se encontrava severamente restringida, o fecho invisível das fronteiras da união foi um gesto irreflectido. Depois das inundações, a conversão dos antigos protectorados turísticos em *nomanslands* foi apresentada como uma medida de saúde indispensável. As implicações diplomáticas foram sonegadas, mas o ricochete

vis the nature of the vanished urban phenomenon that I seek to interpret here. Otherwise, what other kind of conceptual symbolism could we glean from these images? Obviously, that would be one of many controversies that I can leave to the specialists.

Fortunately, the images allows us to speculate about physical facts whose *in situ* investigation remains impossible. It is difficult to obtain any degree of certainty from the records of urban nuclei that are buried under the ice today. Be that as it may, the agglomerates that are seen in the distance in some of these images may be studied from the relative wealth of official sources. However, in the case in point, the limited and vague nature of the documentation renders the finality of some of the visible artefacts unfathomable.

A tube that exits and re-enters a wall (conf. exhibit fig. 21) configures a practice that is alien to our understanding and presupposes that the liquid distributed in it (?) would be for community usage. The elements of discarded furniture in spaces adjacent to the units' walls (conf. exhibits fig. 95, 105) seem to indicate an intensive and sumptuous usage of outdoors space. Suspended cubic volumes (conf. exhibit fig. 93) are reminiscent of industrial silos (conf. obsolete *a*forms), albeit with a dimension that is too small for that purpose. Against the logics of dating, the narrow thoroughfares suggest a post-oil settlement. Because the usages and logics of the agglomerate resist our interpretation, these suppositions will also remain as mere suppositions. However, in the face of the higher implica-

tions of this discovery, this is rather irrelevant. The singularity of these images is unquestionable and it has its repercussions. They could be the residue of a regime of exception that allowed certain agglomerations to enjoy an experimental existence until a latter period of our history. They could be the portrayal of a confidential staged construction. Or they could be the evidence of a situation that is adverse to instituted logics. In any case, the circumstances they portray were scrupulously expunged from official narratives. If indeed what we see is not the eradication of a reality for reasons that are now obscure, then we are facing a monstrous dilapidation of our genologic heritage's wealth. At any rate a censoring on the part of the state is taking place. And that must be decried.

Apartheid persists in splitting Europe from everything else. But to what end, I might ask? All wealth is practically now abroad. We have the information, we have the patents, and we have a finely calibrated machinery for digital production and consumption, but we will soon freeze inside and out. Segregation and its ideological mechanisms only ensure that we will do it within the confines of our own fortified freezer.

When global mobility was already severely restricted, the invisible union borders' closure was a hasty gesture. After the floods, the conversion of the former tourist protectorates into *nomanslands* was presented as an indispensable healthcare measure. The diplomatic implications were hidden, but the ricochet eventually arrived.

acabou por se fazer sentir. Contra todos os avisos, gerámos o ressentimento suficiente para garantir um isolamento prolongado. O frio instalou-se em pouco mais de dez anos, a união africana fechou as fronteiras, electrificou as praias, e nem então percebemos o equívoco. Nem assim se assumiu que a segregação foi um erro histórico. O ebusiness progride sem interferência humana, a vida nos enclaves é auto-suficiente. Mas tornámo-nos reféns da nossa arrogância.

Há outra razão para escrever este libelo. O ilícito com que deparei sugere uma emoção banida. Uma emoção que, porventura, não podemos continuar a excluir da nossa organização social. *Spontaneidade* (conf. obsolete *eterms*) é o arcaísmo que designa essa emoção. Alguém, em algum momento, determinou que havia uma utilidade qualquer em escamotear esta natureza. Alguém decidiu que se devia suprimir que o nosso código genológico ainda recentemente revelava sinais de informalidade *espontânea*. Depois, alguém se prontificou a eliminar as provas. Felizmente, o apagamento das memórias não foi total.

pedro gadanho, cap'ricoh, junho de 2091

Against all warnings, we generated resentment enough to ensure prolonged isolation. The cold arrived in less than ten years; the african union closed its borders, electrified the beaches and, even then, we were unable to see the mistake. Even then, segregation was not acknowledged as an historical error. Ebusiness progresses beyond human interference, life in the enclaves is self-sufficient. But we have become hostage to our own arrogance.

There is another reason to write this libel. The illicitness that I came across suggests a banned emotion. Perhaps an emotion that we cannot afford excluding from our social organisation anymore. *Spontaneity* (conf. obsolete *eterms*) is the archaism that designates such an emotion. Someone, at some point, determined that it would be useful to obliterate this nature. Someone decided that the fact that up until recently our genologic code still revealed signs of *spontaneous* informality should be suppressed. Then, someone volunteered to dispose of the evidence. Fortunately, the erasure of memories was not complete.

pedro gadanho, cap'ricoh, june 2091

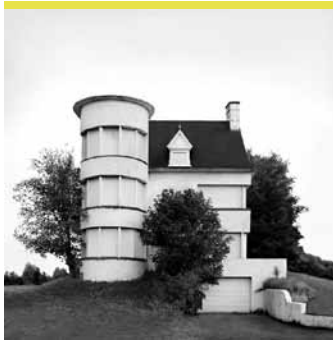


exhibit a - ©source Filip du Jardin

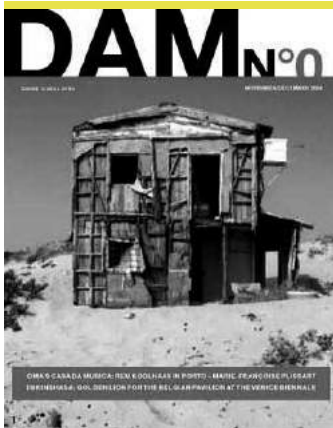


exhibit b - ©source DAMn°0





Ocupação
Occupation

Luís Palma

‘Ocupação’ é um projecto que começou com um registo de imagens a partir de telemóvel quando visitei pela primeira vez a praia da Fuseta no Parque Natural da Ria Formosa.

Tratando-se de uma área protegida e com acesso apenas por barco, nunca supus que seria confrontado com uma realidade muito distante do que tinha imaginado. Esta “estranha forma de vida” possivelmente só atinge os próprios habitantes que ao longo do tempo edificaram as suas casas num território hoje classificado como reserva natural.

A intervenção nos claustros do Convento de Santo António dos Capuchos, a convite do Museu de Arte Contemporânea de Serralves e do Ministério da Economia e Inovação, tem fundamentalmente como base duas projecções: uma na ala que circundam o jardim exterior e outra na ala que supostamente dava acesso aos dormitórios.

Durante a minha visita inicial ao convento, foi-me proposto trabalhar em todo o contexto que envolve os claustros. Tomada a decisão, entendi que fosse permitido o acesso ao público à superfície segura desta parte do edifício, despida de qualquer proposta artística.

Esta opção pelo “vazio das salas” passou a fazer parte de um projecto que retrata grande parte de uma região que, de um modo legal ou ilegal, tal como ocorreu no Parque Natural da Ria Formosa, permitiu que o excesso se sobrepusesse à nossa memória afectiva. O estado de degradação deste património cultural, que resulta de uma segunda fundação datada de 1675, depois dos frades Capuchos da Província da Piedade terem erigido em terras louletanas o seu primeiro convento na primeira metade do século XVI, é um exemplo disso mesmo.¹

‘Occupation’ is a project that began with mobile phone image recording when I first visited the Fuseta beach in the Ria Formosa Nature Park.

Since it is a protected area, which can only be accessed by boat, I would never have thought to find a reality so far removed from what I had imagined. In fact, this “peculiar way of life” is probably only fully understood by those who live in the houses that have been built in an environment classified today as a nature reserve.

The intervention in the cloisters of the Santo António dos Capuchos Convent, following an invitation by the Serralves Museum of Contemporary Art and the Ministry of Economy and Innovation, is fundamentally based on two projections: one in the wing that surrounds the garden, and the other in the wing that supposedly accessed the dormitories.

When I visited the site it was suggested that I could work with the whole enveloping context of the cloisters. After making my decision, I thought that visitors should be allowed into the secure part of the Convent, where no artistic intervention would take place.

The choice of showing “empty rooms” became part of a project portraying a vast area of a region where, legally or illegally, excess was allowed – such as in the Ria Formosa Nature Park – to overlap with our affective memory. The state of decay of this cultural heritage (which is the result of a second building dated from 1675, after the Capuchin Friars of the Province of Piedade had erected their first convent around Loulé in the first half of the sixteenth century) is proof of that.¹

¹ Este texto foi escrito a propósito da exposição ‘Ocupação’, que decorreu no Convento Santo António dos Capuchos, em Loulé, no âmbito da programação Arte Algarve 2009, com o título *As Bright As The Sun / Tão Brilhante Quanto o Sol*.

¹ This text was written in the course of the exhibition ‘Occupation’ that took place at the Santo António dos Capuchos Convent, in Loulé, as a part of the programme of Arte Algarve 2009, *As Bright As The Sun / Tão Brilhante Quanto o Sol*.







































































































Luís Palma estudou fotografia na Escola Superior Artística do Porto e esteve ligado à divulgação da fotografia em colaboração com a Fundação de Serralves.

No seu percurso artístico destaca-se a bolsa atribuída em 1999 pela Diputación Foral de Gipuzkoa, Ministério da Cultura e o Centro Português de Fotografia que resultou na edição da monografia *Paisagem, Indústria, Memória* em 1999.

Em 2007 conta com o apoio do Programa Para a Arte Contemporânea da Fundação Ilídio Pinho para editar o livro *Territorialidade*. No âmbito da programação da PhotoEspaña 2008, este projecto foi apresentado na Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid.

Em 2009, após ter sido nomeado para o prémio BES Photo, recebeu um apoio para a produção da exposição “Factos e Ficções” a propósito de *Territorialidade*.

Entre as exposições individuais e colectivas destacam-se as seguintes:

2009
“Factos e Ficções” a propósito de *Territorialidade*, Museu Coleção Berardo, Lisboa.

2008
O Presente: Uma Dimensão Infinita, Museu Coleção Berardo, Lisboa.
‘Territorialidade’, Galeria Presença, Porto
‘The Best Photography Book of The Year Award’, Biblioteca Nacional de Espanha, Madrid.

2007
‘Instantes de Memória’, Fundação EDP, Lisboa.

2004
‘In The Beginning There Was The Journey’, 28^a Bienal de Pontevedra, Pontevedra, Espanha.
‘Re: Produtores de Sentido’, Arte SESC, Rio de Janeiro, Brasil.

2003
‘Memória Afectiva #2’, Centro de Artes Visuais, Coimbra.
‘Topografias da Vinha e do Vinho’, Künstlerhaus Bethanien, Berlim, Alemanha

2002
‘Coleção de Arte da Fundação Coca-Cola de Espanha’, Culturgest, Lisboa.
‘Topografias da Vinha e do Vinho’, Cordoaria Nacional, Lisboa.

2000
‘Memória Afectiva’, Teatro Académico Gil Vicente, Coimbra.

1999
‘Paisagismo Contemporâneo’, Galeria Tomas March, Valência, Espanha.
‘Paisagem, Indústria, Memória’, Museu San Telmo, Donostia / San Sebastián.
‘Paisagem, Indústria, Memória’, Centro Português de Fotografia, Porto.

1998
‘Paisagens Periféricas’, Fundação de Serralves, Porto.

1997
‘Anatomias Contemporâneas’, Fundação de Oeiras.

1990
‘Navio no Cais, Bilhetes na Gare’, Círculo de Bellas Artes de Madrid, Espanha.

Luís Palma studied photography at the Porto School of Arts (Escola Superior Artística do Porto) and was involved in the nurturing of photography in collaboration with the Serralves Foundation.

One of the highlights of his artistic career was the scholarship he received from the Diputación Foral de Gipuzkoa, the Portuguese Ministry of Culture, and the Portuguese Photography Centre, which was followed by the publication of the monograph *Landscape, Industry, Memory* in 1999.

In 2007 he published the book *Territoriality* with the support of the Ilídio Pinho Foundation’s Programme for Contemporary Art. This monographic work was featured at the National Library of Spain, in Madrid, in connection with the programming of PhotoEspaña 2008.

In 2009, after his nomination for the BES Photo Awards, he organized the exhibition “Facts and Fictions” apropos of *Territoriality*.

Selection of solo and group exhibitions:

2009
“Facts and Fictions” apropos of *Territoriality*, Berardo Collection Museum, Lisbon.

2008
‘The Present: An Infinite Dimension’, Berardo Collection Museum, Lisbon.
‘Territoriality’, Galeria Presença, Porto.
‘The Best Book of The Year Award’, National Library of Spain, Madrid.

2007
‘Memory Instantants’, EDP Foundation, Lisbon

2004
‘In The Beginning There Was The Journey’, 28th Pontevedra Biennale, Pontevedra, Spain.

‘Meaning Re: Productors’, Arte SESC, Rio de Janeiro, Brazil.

2003
‘Affective Memory#2’, Visual Arts Centre, Coimbra.
‘Topographies of the Vineyard and Wine’, Künstlerhaus Bethanien, Berlin, Germany.

2002
‘Art Collection of the Coca-Cola Foundation Spain’, Culturgest, Lisbon.
‘Topographies of the Vineyard and Wine’, Cordoaria Nacional, Lisbon.

2000
‘Affective Memory’, Teatro Académico Gil Vicente, Coimbra.

1999
‘Contemporary Landscape’, Galeria Tomas March, Valência, Spain.
‘Landscape, Industry, Memory’, Museu San Telmo, Donostia / San Sebastián.
‘Landscape, Industry, Memory’, Centro Português de Fotografia, Porto.

1998
‘Peripheral Landscapes’, Serralves Foundation, Porto.

1997
‘Contemporary Anatomies’, Fundação de Oeiras.

1990
‘Ship at the Pier, Tickets at the Station’, Círculo de Bellas Artes de Madrid, Spain.



Título / Title

Ocupação / Occupation

Fotografias / Photographs

Luís Palma © 2009

www.luispalma.com

Textos / Texts

Pedro Gadanho © 2009

Luís Palma © 2009

Tradução / Translation

Rui Cascais-Parada

Revisão editorial / Copy editing

Paulo Monteiro

Paul Buck

Design gráfico / Graphic design

Helder Luís

NOTYPE © 2009

www.notype.pt

Tipografia / Typography

FTF Stella © 2009

Feliciano Type Foundry

www.felicianotypefoundry.com

Impressão / Printing

Guide, Artes Gráficas

www.guide.pt

Formato / Format

165 x 240 mm

Papel / Paper

PopSet Limão (240 g)

Novatech Ultimatt 1.1 (150 g)

Tiragem / Print run

100 exemplares / copies

Depósito legal / Legal deposit

[inserir na gráfica]

ISBN

978-989-20-1611-5

Edição / Publisher

Edição de autor / Author's edition, Porto,
2009

Luís Palma © 2009

Todos os direitos reservados /

All rights reserved

